

PERFIL

A NATUREZA ERRÁTICA DE

KARINA BUHR

HELDER FERREIRA FOTOS PRISCILA BUHR

Cantora e compositora lança seu terceiro disco, *Selvática*, enquanto propõe discussão sobre igualdade de gênero



Um dos mais importantes cursos d'água do estado de Pernambuco, o rio Capibaribe, em seus 248 quilômetros de extensão, passa por 47 municípios antes de chegar à capital, Recife, onde desemboca no Oceano Atlântico. Nas águas turvas que cruzam a cidade, há esgoto despejado sem tratamento, produtos químicos – como chumbo e mercúrio –, além de toda sorte de lixo e animais mortos – componentes indispensáveis do buquê aromático do rio. No entanto, na tarde ensolarada da quarta-feira, 1º de julho, também há vida nas águas do Capibaribe: em um pequeno barco a motor, encontram-se o barqueiro Ezequias Firmino, as fotógrafas Priscila Buhr e Hélia Scheppa e a cantora e compositora Karina Buhr, que posa para as lentes caracterizada de mulher selvática – sem camisa, coberta de joias e portando uma lança Yanomami. ➡➡➡

Selvática é também o nome do terceiro disco – que traz no encarte as fotos tiradas naquela tarde – da baiana criada em Pernambuco (ou da pernambucana nascida na Bahia). Lançado no final de setembro, o álbum e a canção que lhe dá título têm inspirações na Bíblia e, sobretudo, no feminismo. É que Karina reescreve o *Gênesis* na letra da música em que mulheres não são seres submissos provenientes da costela de um homem, mas seres livres, das selvas, guerreiras com “dentes-pontas-de-diamantes/estrapalhadores fulminantes/ de pecadoras maçãs”. “É como se fosse uma história ao contrário, uma maldição reversa para sanar tudo o que houve de ruim e zerar”, define ela.

Nas onze faixas que compõem seu novo trabalho, Karina passeia entre sonoridades que vão de melodias leves e solares, como as canções “Dragão” e “Rimã”, às mais pesadas, de influência punk, “Cerca de prédio” e “Selvática”, que conta com a participação de Denise Assunção e Elke Maravilha – mulheres que lhe vieram à mente ao criar a música e com quem já havia formado parcerias em outros trabalhos.

O termo selvática, ressignificado por Karina, é também apropriado para descrever sua personalidade. Em vez de engrossar o coro dos mantenedores do *status quo*, ela prefere usar sua visibilidade junto à mídia para se posicionar na linha de frente da luta feminista, denunciando machismo e questionando tabus como a criminalização do aborto. Para tal, faz uso de diversos meios: a *fanzine* anual *Sexo Ágil* – que criou em parceria com outras artistas –, sua coluna mensal na revista da Livraria Cultura e, principalmente, seus perfis nas redes sociais. “Eu falo de feminismo exatamente para um dia não precisar mais falar; é insuportável ter de ficar apontando machismo toda hora, queria não precisar mais”, explica Karina.

Já a atriz Elke Maravilha não se considera feminista, nem concorda com a teoria da existência de um sistema patriarcal que subjuga mulheres; ao seu ver, mulheres sempre mandaram, mas fingem que não. “O homem é melhor em tudo. Até na hora de virar mulher, ele é melhor do que a gente, então não sou feminista”, justifica. “Eu não gosto de separar as pessoas em gênero, não; desde pequena, resolvi não obedecer a gêneros, decidi ser gente antes de ser mulher ou homem. A Karina Buhr também virou ser humano, assim como outras mulheres... Mas a maioria ainda não. É um processo longo. Como dizia Darwin, a natureza não dá saltos.”

DO MANGUE À SELVA DE PEDRA

No início de setembro, quando os cineastas Cláudio Assis e Lício Ferreira constrangeram Anna Muylaert durante debate sobre o novo filme da diretora, *Que horas ela volta?*, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, a cantora postou um texto em sua página no *Facebook*. Nele, pedia que os dois – que são seus amigos – deixassem de culpar a embriaguez pelos seus atos e revelassem o verdadeiro culpado: o machismo. “A culpa aqui é do machismo, esse monstro escroto, que está aí com vocês da hora que vocês acordam à hora que vão dormir, todos os dias, mesmo sem a cachaca”, escreveu, aproveitando também para dirigir crítica aos colegas do Mangubeat, movimento pernambucano do qual fez parte nos anos 1990: “Esse monstro existe em vocês também e de maneira muito violenta”.

O início da trajetória de Karina na música é indissociável do movimento de contracultura que mistura ritmos regionais com rock, hip hop e música eletrônica. Em 1992, aos vinte anos de idade, ela começou a tocar nos grupos de maracatu Piaba de Ouro e Estrela Brilhante do Recife; depois, passou a se inserir no circuito, integrando a banda de rock Eddie e fazendo participações em discos de outros grupos, como Mundo Livre S/A e Cidadão Instigado. Em 1997, quando o *boom* do Mangubeat começava a arrefecer, formou a banda Comadre Fulozinha com Isaar França no intuito de abrir espaço dentro da cena musical. É que, apesar da proposta vanguardista do movimento no quesito estético, os *manguboys* continuavam bem conservadores em relação ao papel feminino. Segundo ela, o incentivo para assumir uma posição de destaque nas bandas era inexistente. “O ideal era que você fosse a gatinha que fica com a bandeirola e fazendo *backing vocal*”, recorda. “Demorei muito para conseguir quebrar isso porque era muito opressor.”

Foi durante uma apresentação da Comadre Fulozinha, em 1998, no Recife, que Karina chamou a atenção do diretor do Teatro Oficina Uzyna Uzona, Zé Celso Martinez Corrêa, que estava na cidade com o grupo apresentando o espetáculo *Pra dar um fim no juízo de Deus*, de Antonin Artaud. Impressionado com o que vira, Zé Celso convidou Karina e sua companheira de



banda, Isaar, a integrarem o elenco da montagem das *Bacantes* no ano 2000. Elas aceitaram. “Se teve um teatro que eu sempre quis fazer, era aquele ali e eu nem sabia que existia”, conta. Três anos depois, ela se mudou para São Paulo e embarcou de vez na experiência teatral, participando da montagem completa de *Os sertões* – um total de cinco espetáculos, que envolveu mais quatro anos de dedicação e uma turnê por Berlim, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Quixeramobim e Canudos. Então, em 2007, ela se desligou da companhia para dar início a sua carreira solo.

O ator Marcelo Drummond, que trabalhou ao lado da cantora no Oficina, acredita que a marcante presença de palco de Karina em seus shows deva-se em parte a seu tempo no tablado. “Não vejo nenhuma dessas pessoas que apareceram na música nos últimos tempos terem o mesmo tipo de atuação. Ela tem realmente uma performance, não tem vergonha de estar em cena, não deixa barato”, opina.

Karina sabe realmente como dominar um palco e sua audiência. Para conferir, basta assistir

a uma de suas apresentações documentadas no *YouTube*. Em uma delas, recente, realizada no Largo do Paissandu, no centro da cidade de São Paulo, a cantora, em nenhum momento, se intimida com as dezenas de pessoas que a rodeiam; ao contrário: aproxima-se, contorce-se, dança de maneira provocante, chama uma menina para dançar, aceita um gole da garrafa de catuaba de outro e depois sobe no teto de um carro, disposto ali como um palco improvisado.

Há, no entanto, quem se incomode com a performance. Certa vez, uma garota que acompanhava o show com ar de reprovação, séria, abordou ao final dizendo que queria convidá-la para uma conversa sobre a suposta contradição entre o discurso feminista presente nas letras de suas músicas e o fato de ela vestir maiô e rebolar no palco. Karina optou por declinar do convite. “Eu compro muita briga, mas tem horas que eu corro também”, afirma, entre risadas. “Além do mais, o meu feminismo é assim: rebolante.”

O teatro também alterou a relação da cantora com seu corpo. “Não que eu tivesse um grande problema com nudez, mas nós somos meio que condicionados a ter, né?”, argumenta. Karina relembra do primeiro ensaio com prova de figurino das *Bacantes* – que se resumia, segundo ela, a “umas tirinhas de couro que deixavam tudo à mostra” – que seria fotografado por Lenise Pinheiro. Tentando se preservar, ela vestiu a indumentária usando calcinha e sutiã. A fotógrafa, então, lhe mostrou o quanto ela destoava do restante do elenco, que não usava nada por baixo das tirinhas. “Aí, eu desencanei e tirei; foi tão natural, que, pouco tempo depois, eu já estava lá fora comprando pipoca, nua”.

TODA NUDEZ (NO FACEBOOK) SERÁ CASTIGADA

Não são todos, no entanto, que conseguem tratar a nudez com naturalidade. A capa do disco *Selvática*, em que Karina posa com os seios descobertos, foi censurada no *Facebook*. A rede social bloqueia o conteúdo por meio de um sistema de denúncias – isto é, para que uma imagem seja apagada, precisa ser denunciada por algum usuário que tenha se incomodado com ela. Em protesto, diversos fãs e amigos passaram a republicar a foto, além de ➡➡➡

compartilharem outras imagens de seios desnudos – de obras de arte renascentistas a *selfies* em que posam, homens e mulheres, sem camisa. Até mesmo o Ministério da Cultura publicou uma nota em sua página classificando o banimento da imagem como um atentado à liberdade de expressão. A grande maioria – inclusive o MinC – teve as imagens apagadas e sofreu sanções da rede social, de suspensões temporárias a exclusões permanentes de perfis.

Apesar de lamentar o ocorrido, a fotógrafa Priscila Buhr, irmã da cantora, responsável pelos cliques que estampam o encarte do disco, consegue enxergar um lado bom em toda a confusão: a seu ver, se não tivesse ocorrido censura, a capa não teria gerado toda esta discussão social e feminista. “Nesse sentido, foi benéfico, porque fez as pessoas se questionarem do porquê de peitos femininos provocarem tanto escândalo”, analisa.

Elke Maravilha, apesar de não ser usuária de redes sociais, considera a proibição um acinte. “Infelizmente, no Brasil, a moral está no meio das pernas ou nos seios, não está na alma; as pessoas não são educadas para serem livres.”


A cantora não ficou exatamente surpresa com a censura, já que não era a primeira vez que via algum conteúdo seu ser apagado por infringir a política de moralidade de Mark Zuckerberg. “Estamos encarecendo demais. Acho que o mais perigoso é quando quem cria começa a se censurar porque sabe que será censurado. Aí todo mundo começa a se padronizar, começamos a ver, cada vez menos, certo tipo de imagem, que, quando aparece, choca e é rapidamente banida. Eu prefiro não me autocensurar”, conclui.

Karina não vê sentido na proibição de qualquer nudez, especialmente a do mamilo feminino – já que é a única parte que não pode estar exposta na rede. “É uma regra idiota, machista e autoritária, que, infelizmente, conta com a aprovação de muita gente”, critica. “Enquanto as mulheres forem o que são, escravas, isso vai continuar”.



SELVÁTICA

KARINA BUHR
Independente
R\$ 20,00

Estreante na literatura, a cantora lançou seu primeiro livro em maio deste ano pela editora Rocco. Coletânea de poesia, prosa, letras de música e desenhos, *Desperdiçando rima* foi um dos títulos mais vendidos durante a Festa Literária de Paraty. Como definido por Marina Lima, que assina o texto de orelha, trata-se de “impressões de uma mulher à beira de seu tempo, que decifra a vida e não se contém – pois tudo ainda lhe parece pouco”. Assim é Karina Buhr. 



MUNDO, IMAGEM, MUNDO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA DE BELO HORIZONTE
1 A 9 DE OUTUBRO // EXPOSIÇÃO ATÉ 29 DE NOVEMBRO

WWW.FIF.ART.BR

